

## Resenha

**Epifania das Imagens: Apolo e Dionísio no Cinema**  
(PAIVA; Cláudio Cardoso de. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015. 280p.)

Flávio Júnior Freitas FERREIRA<sup>1</sup>

O livro *Epifania das Imagens: Apolo e Dionísio no cinema* (2015) de autoria do professor Doutor Cláudio Cardoso de Paiva dos programas dos pós-graduação em Culturas Midiáticas Audiovisuais (PPGC) e de Jornalismo (PPJ) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) traz no seu prefácio as impressões da professora Doutora Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Madalena Zaccara que nos mostra que a produção do imaginário é atemporal e que na atualidade essas imagens vem sendo potencializadas por um modo de ser e viver da humanidade tão fortemente ligados à sua produção, difusão e consumo. Assim como o é a perenidade as imagens são: inesgotáveis, simbólicas e eternas.

Paiva nos leva a uma longa viagem no tempo entre o passado, presente e futuro, real e também fictício, mas disponibilizando ferramentas para a construção de ideias e conceitos. Com 280 páginas, o livro é dividido em 10 capítulos e com extensas referências bibliográficas.

O capítulo inicial faz um percurso por todos os capítulos do livro, trata da importância do momento atual para compreender os novos modos culturais na era digital, menciona as redes sociais, movimentos de protestos online, processos de mediação, busca refletir o cinema como arte que pode servir ao sistema educacional compartilhando saberes com auxílio da mediação tecnológica. O autor valoriza as imagens lítero-filosóficas para realizar o que ele denomina de encontro - confronto entre as forças de ordem e caos na projeção artística mirando a convergência das mídias e as comunidades virtuais evidenciando os mitos de Apolo e Dionísio.

Na sequência, o capítulo 2 , “O Cinema de Hollywood e a invenção da América”, afirma que em razão de estar no centro do mercado mundial da produção

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Midiáticas (PPGC/UFPB).  
E-mail: flaviofreitas.ferreira@gmail.com

americana privilegia o estudo do cinema porque se mostra como vitrine para entendermos as formas híbridas no contexto micro (local) e no macro (mundial). Com uma reflexão acerca da dominação imperialista dos mercados, o texto busca alternativas para burlar esse imperialismo imposto e então incentivar intercâmbios e interações. Para tanto, cita festivais e mostras de cinema realizadas em distintos lugares.

Paiva faz um breve passeio pela história de Hollywood desde os heróis e filmes da Disney passando por Woodstock, Woody Allen etc., mostrando a infinitude criativa de estilos narrativos onde se investem verdadeiras fortunas até chegar aos dias atuais na era do *reality shows* que são propostas voltadas ao domínio e vigilância total entrelaçando o mundo real e imaginário. O cinema tem o poder de nos transportar para lugares inimagináveis, as imagens criam na mente dos telespectadores um fascínio pelo que o belo pode proporcionar e por essa vontade de se eternizar. Existe um enaltecimento da eternidade em cenas do filme *A Rosa Púrpura do Cairo* (1987), cada narrativa resgata aspectos dos arquétipos e estes norteiam a memória das pessoas, os super-heróis e as grandes estrelas se fazem presentes nos corações e nas lembranças dos telespectadores de geração em geração.

No terceiro capítulo, “Mídia e Poder nos cinemas do Brasil, EUA e Europa”, Cláudio Paiva traz de imediato a inversão de posição de que hoje o estado não controla mais os processos comunicacionais e quem desempenha esse papel é a mídia, o estado hoje se coloca como um coadjuvante. O autor passeia por fases históricas da Idade Média e do Renascimento narrando formas de dominação pelo Estado no sentido de controle da opinião pública. Os filmes que se destacam são *Fahrenheit 451* (Truffaut, 1966); *Terra em Transe* (Glauber Rocha, 1967) e outros, afirmando que todos nós estamos à mercê do quarto poder, ou seja, da imprensa.

As imagens americanas explodem no imaginário do mundo como no caso do atentado do 11 de setembro, abordado também em filmes europeus, ocorreu com distintas interpretações. O autor destaca o engajamento do cinema francês pelos seus cineastas, atores que tem alcançado autonomia e emancipação, as novas gerações de franceses (negros, árabes) imprimem suas formas na sociedade que podem gerar conflitos em resposta revolucionária a atos de racismo e intolerâncias, com os filmes denuncia. O cinema italiano dá ênfase ao poder tendo Roma como ícone de várias produções, vale assinalar filmes de engajamento social como “*Feios, sujos e malvados*”

(Ettore Scola, 1975), a indústria do cinema italiano atuou em contraposição à cultura de Hollywood. No caso do Brasil, Paiva fala da pertinência do documentário nacional como narrativa denunciadora dos atos indevidos praticados pelo estado e ainda contribuindo para que as populações tomem conhecimento de fato do que ocorre no país sem subterfúgios, os documentaristas criam espaço para as pessoas letradas e o público comum em suas narrativas, dando voz aos menos favorecidos.

“O jornalismo, os jornalistas e outras mídias no cinema” é o título do quarto capítulo, aqui se observa o papel da comunicação e seu poder de influência. Os processos de midiatização e midiaticização estão institucionalizados pela sétima arte e há uma representação dos jornalistas e da imprensa nesse segmento. A cinematografia já faz muito tempo que convive sob influência dos jornalistas e dos conglomerados midiáticos. O autor propõe uma investigação sobre a forma como estes profissionais estão atuando.

Ao longo da história o papel do jornalista é mal visto no cinema, apesar da influência que exercem sobre os outros, narrativas sobre magnatas da comunicação como em *Cidadão Kane* (1941) revelam aspectos tendenciosos da imprensa. Na película *A Doce Vida* (1960) Fellini cria o termo *paparazzi* como forma de denunciar o papel do jornalista em busca de sensacionalismo barato. No exemplo do filme *A Montanha dos Sete abutres* (1951), Billy Wilder narra o modo trapaceiro do jornalista e do jornalismo no contexto da sociedade midiatizada. O filme nos leva a discutir vários pontos, desde a formação do caráter, relações de convivência que se estabelecem entre os envolvidos, e tantos outros que abordam temáticas onde jornalistas inescrupulosos buscam fórmulas antiéticas para conseguir notoriedade.

O quinto capítulo “A realidade virtual, os ciborgues e a memória do cinema” postula sobre a modernidade tecnológica com o advento do pós-humano, a presença do ciborgue no cinema tem sido tem sido frequente; ao mesmo tempo que fascina também causa medo. A indústria do cinema sempre traz uma visão futurista e lança propostas se utilizando de artefatos tecnológicos tornando cada vez mais comum a relação homem e máquina. De acordo com Paiva, anos atrás a ficção científica já prenunciava essa realidade virtual que hoje mesmo sem sair de casa podemos visitar todo o globo com um simples toque do mouse.

A cultura digital foi criada pelo homem para que pudéssemos usufruir dessa inteligência midiática da melhor maneira possível, por isso é preciso estar conectado para perceber como essas possibilidades podem favorecer às compreensões humanas com os seus modos de interações. As narrativas tornam o mundo mais compreensível e nos leva a um resgate de memória através da profundidade da linguagem se utilizando da tecnologia.

A sexualidade e os afetos tem destaque em *Blade Runner* (1982) e *Inteligência Artificial* (2001), as reconfigurações da era digital tem proporcionado outros *modus operandi* e novas formas de relacionamento em diversos níveis de expansão no ciberespaço.

Em “Imagens do homoerotismo no cinema” o livro chega ao capítulo 6. Nele, Paiva afirma que a sétima arte possibilita escolhas e deixa o ser humano livre para o exercício das suas vontades. Neste texto é explorado o universo gay e suas implicações. Ao longo da história a homossexualidade é vista como algo doentio que leva à loucura. Vários filmes como *Bent* (Sean Mathias, 1997), *Antes do Anoitecer* (Schnabel, 2000) tratam dos aspectos discriminatórios e repressivos aos gays. Essas narrativas podem tanto vitimizar os agentes homossexuais por um lado como podem empoderá-los por outro, colocando-os como figuras emblemáticas na luta pela igualdade. O cinema inglês representa bem a repressão sexual aos gays tendo como referência o filme que narra a história do escritor Oscar Wilde atualmente ícone do público LGBT<sup>2</sup>.

O autor garante que hoje em dia a cultura gay está presente em todos os formatos midiáticos com seus avanços e retrocessos ao longo do tempo. Apesar da discriminação americana, o autor cita alguns exemplos ousados como o filme *Brokeback Mountain* (Ang Lee, 2006) que narra uma história de amor, de encontros e desencontros com fim trágico, mas que nos leva a uma profunda reflexão de nós mesmos.

O sétimo capítulo, “Mídias & Conexões Latinas no Cinema Espanhol” busca adentrar no universo da cultura espanhola com foco no cinema para vislumbrar os aspectos históricos, artísticos, tradicionais. Para tanto, vai se utilizar das hipermídias para desvelar os segredos dessa sociedade. Dramas e comédias estão entre os estilos e gêneros narrativos explorados pelos cineastas espanhóis. Destaca-se no texto uma

---

<sup>2</sup> Sigla utilizada para fazer referência ao grupo que envolve Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros.

crítica ao domínio norte-americano no contexto global e um mapeamento de filmes que enfatizam o papel do país como atrator e potencializador dentro da comunidade europeia.

Os cineastas espanhóis mais famosos, Buñuel, Almodóvar, Amenábar buscaram inspiração em outras culturas para também se projetarem no âmbito internacional em meio a crises econômicas com a intenção de compreender como a tecnologia pode abrir espaço no mercado. Amenábar tem se destacado segundo Paiva pelo fato de antecipar formas estéticas em seus filmes que só depois outros cineastas viriam a exibí-las como no filme *Matrix* e por estar sempre atento ao gosto ávido da juventude consumidora dos aparatos tecnológicos.

No texto do capítulo 8, “A Reinvenção do Nordeste”, Cláudio Paiva começa reconhecendo que as narrativas fílmicas e televisivas vêm atualizando nas últimas décadas as representações tradicionais do nordeste brasileiro. Os temas regionais abrem espaço para uma compreensão política e surgem as conexões proporcionadas pela convergência midiática atual. Destacam-se no capítulo narrativas que problematizam as disparidades da modernização industrial-tecnológica e o atraso social, podemos observar a distinção que autores fazem do mesmo imaginário nordestino colocando-o como território da saudade (*Menino de Engenho* de José Lins do Rego) e por um olhar secular de autoritarismo em *Vidas secas* (Graciliano Ramos).

O Cinema Novo, especialmente com Glauber Rocha, ganha uma nova visualidade, várias facetas vão sendo construídas acerca do universo ficcional onde a paisagem da seca, a expressão marcante do povo carrega uma forte riqueza de sentimentos. A diversidade marcada pela religiosidade, carnavalização trazem essa configuração da identidade do nordeste brasileiro. A articulação proporcionada pela hipermídia possibilita o compartilhamento dos processos comunicativos e a interatividade, o poder das mediações contribui para uma percepção menos estigmatizada sempre retratada pelo viés da seca, fome e pobreza.

Na obra de Jorge Amado transcrita para o audiovisual temos de forma clara referência ao deus Dionísio pelo fato na narrativa apresentar características festivas e detalhes típicos baianos. O autor destaca a presença crescente da produção nordestina no cenário da indústria cultural e cita filmes como *Árido Movie* (1997), *Céu de Suely* (2006), *Aquarius* (2016) que vem ganhando respeito internacional.

Em “O neobarroco: arte, sociedade, mídia e política”, Paiva relata em seu penúltimo capítulo que para entender o tempo atual dessas ambiências em rede, o novo ecossistema midiático com todas as imbricações que ele promove, o termo neobarroco serve muito bem para uma melhor compreensão sobre as interconexões entre os homens e as máquinas. Os aparatos técnicos contribuíram para que o neobarroco surgisse com poder aglutinador das informações contraditórias na atualidade. Temos no Brasil a imagem de um país cheio de contrastes, a criatividade é uma forte marca os brasileiros, o “jogo de cintura” faz com que ultrapassem diversas situações adversas. Esses fatos são refletidos no cinema, no ciberespaço, onde as pessoas reclamam da má gestão ao denunciar sistemas de saúde, educação, segurança precários, mas que também conseguem vibrar de felicidade nesses mesmos ambientes quando o Brasil vence uma Copa do mundo, por exemplo. Sobre temas atuais do país podemos citar os filmes *Tropa de Elite* (2007) e *Junho – o mês que abalou o Brasil* (2014).

De acordo com o autor, os protestos gerados na internet a partir de 2013 têm contribuído para a formação de um novo ethos da sociedade. Ao criar memes, vídeos os atores em rede intentam reivindicar ações mais igualitárias. Estes atos-protestos saem da internet e ganham as ruas, o espaço físico.

No décimo e último capítulo, “Para uma teoria da cultura midiática audiovisual”, conforme Cláudio Paiva, as imagens que nutrem o imaginário rondam as mentes dos indivíduos desde tempos remotos e que na Idade Mídia a ideia de vida e morte do passado ainda persiste. Para se libertar de antigas formas de expressão impostas por instituições dominantes o cinema cria uma estética que a partir dela surgem narrativas fantásticas habitadas por astros e estrelas que povoam as mentes do público global, proporcionadas pelo advento dos aparatos tecnológicos de produção de imagens que moldam o nosso modo de vida, aproximando-nos da linguagem audiovisual pós-orgânica, onde homem e máquina se relacionam de forma sensível como no filme *Eletrodoméstica* de Kléber Mendonça Filho (2003).

O texto fala da importância dos nossos sentidos como fomentadores para uma melhor apreciação da obra de arte e ao se referir ao cinema enquanto narrativa da razão, tecnicidade, apolónia, todo o seu conteúdo é afetado pela sensibilidade dionisíaca oriunda da natureza em constante transmutação. O apolónio tem uma visão passiva enquanto o mito dionisíaco carrega a coragem para fazer o movimento, são tendências

opostas que se fundem, mas que precisam ser dominadas. De forma refinada, a estética apolónia surge a partir das narrativas fílmicas, mas logo ocorre a irrupção dionísiaca causando a perturbação necessária. Apesar da mídia tender a explorar o regime diurno das imagens, que se configura na suavidade do deus Apolo, logo a expressão de Dionísio vem à tona trazendo consigo a complexidade da vida como ela é.

A obra *Epifania da imagens: Apolo e Dionísio no cinema* traz uma grande contribuição sobre o cinema na era contemporânea, abre possibilidades de compreensão sobre a produção cinematográfica no cenário local e mundial, analisando os modos de realizações em distintos lugares e em tempos remotos e atuais. .

Os argumentos colocados pelo autor tendo como base os mitos de Apolo e Dionísio são elementos persuasivos e transdisciplinares ao conseguirem fazer elos entre todos os capítulos que também podem ser estudados e compreendidos individualmente, utilizando a mesma essência de luz e sombra que estes personagens evocam no imaginário e inconsciente coletivo dos telespectadores espalhados pelo mundo inteiro. Portanto, temos uma obra rica e inovadora que traz um entendimento sobre as novas formas de realização audiovisual unindo personagens mítico-filosóficos aos meios tecnomidiatizados.